



Turismo - Visão e Ação

ISSN: 1415-6393

luiz.flores@univali.br

Universidade do Vale do Itajaí

Brasil

da Silva Maranhão, Christiano Henrique; Adelino Pequeno, Edilene; Enele Sonaglio,
Kerlei

ANÁLISE DO PARADIGMA TEÓRICO DE TURISMO USADO PELA AUTORA DRA.
MARGARITA NILDA BARRETTO ANGELI

Turismo - Visão e Ação, vol. 14, núm. 2, mayo-agosto, 2012, pp. 214-229

Universidade do Vale do Itajaí

Camboriú, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=261056074006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

ANÁLISE DO PARADIGMA TEÓRICO DE TURISMO USADO PELA AUTORA DRA. MARGARITA NILDA BARRETTO ANGELI

ANALYSIS OF THE THEORETICAL PARADIGM OF TOURISM USED BY THE AUTHOR DR.
MARGARITA NILDA BARRETTO ANGELI

ANÁLISIS DEL PARADIGMA TEÓRICO DE TURISMO USADO POR LA AUTORA DRA. MARGARITA
NILDA BARRETTO ANGELI

M.s.C. Christiano Henrique da Silva Maranhão

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Mestre em Turismo. Bacharel em Turismo.

E-mail: christianomaranhao@gmail.com

M.s.C. Edilene Adelino Pequeno

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Mestre em Turismo. Bacharel em Turismo.

E-mail: edilenepequeno@gmail.com

Dr^a Kerlei Eniele Sonaglio

Docente no Programa de Pós-Graduação em Turismo da

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Doutora em Engenharia Ambiental.

Mestre em Engenharia Ambiental.

Especialista em Turismo Empreendedor.

Bacharel em Turismo.

E-mail: kerlei@ufrnet.br

RESUMO

Diante de um notório movimento que busca uma apreciação analítica do turismo na contemporaneidade, que varia entre um exame de aglomerados de abordagens e métodos e uma abordagem que busca a coesão, com o uso de definições de focos quantitativo-econômicos e/ou qualitativo-compreensivos; busca-se um conceito sobre o turismo que possa responder a todas as suas interfaces de maneira lógica. Dessa forma, este artigo busca analisar quais os fundamentos e os objetos teóricos utilizados pela Dra. Margarita Barretto em seus estudos do turismo e qual a escola teórica em que a referida autora prepara suas bases explicativas para o turismo como área de conhecimento, buscando dessa forma uma re-significação, para com isso avançar na cientificidade da área.

PALAVRAS-CHAVE: Margarita Barretto. Abordagens. Turismo.

ABSTRACT

In view of the current trend towards analytical assessment of tourism in contemporary society, ranging from an examination of clusters of approaches and methods and an approach that seeks cohesion, with the use of quantitative definitions with qualitative-economic and/or qualitative-understanding focuses, a concept of tourism is searched for that can deal with all its interfaces in a logical way. This article therefore seeks to analyze the bases and theoretical objects used by Dr. Margarita Barretto in her studies of tourism, and the theoretical school in which this author prepares her explanatory grounds for tourism as an area of knowledge, seeking to give new meaning, as a contribution to scientific advancement of the area.

KEYWORDS: Margarita Barretto. Approaches. Tourism.

RESUMEN

Ante un notable movimiento que busca una apreciación analítica del turismo en la contemporaneidad, que varía entre un examen de aglomerados de abordajes y métodos y un abordaje que busca la cohesión, con el uso de definiciones de focos cuantitativo-económicos y/o cualitativo-comprensivos; se busca un concepto sobre el turismo que pueda responder a todas sus interfaces de manera lógica. De esta manera, este artículo busca analizar cuáles son los fundamentos y los objetos teóricos utilizados por la Dra. Margarita Barretto en sus estudios del turismo y cuál es la escuela teórica en la que la referida autora prepara sus bases explicativas para el turismo como área de conocimiento, buscando de esa forma una re-significación, para avanzar con ello en la cientificidad del área.

PALABRAS CLAVE: Margarita Barretto. Abordajes. Turismo.

INTRODUÇÃO

O turismo, mesmo não possuindo *status* de ciência, devido à sua curta existência como ramo de conhecimento, aloca-se no rol das ciências sociais “por tratar de pessoas e de seus comportamentos sociais. Pessoas são menos previsíveis que fenômenos inumanos” (VEAL, 2011, p. 28) e esse comportamento altamente mutante faz do turismo uma área que passa por transformações constantes. A essa variedade de abordagens e métodos encontrados no turismo pode-se atribuir a difícil missão em se homogeneizar uma conceituação aceita por todos os envolvidos e pesquisadores da área; porque, além de abarcar condicionantes intangíveis e pontos de análise diversos, o turismo não deixa claro ainda quem é o seu objeto de estudo principal e quais os fundamentos que embasam sua possível teoria. Para Tribe (2006), apesar de muitas verdades estabelecidas em torno do saber turístico, parte delas ainda resulta em lacunas, silêncios e equívocos.

A situação descrita vem estimulando uma busca analítica mais intensa, por parte dos principais pesquisadores da área, em tentar superar tais limitações e o uso de conceitos tradicionais, os quais norteiam o turismo e o direcionam a trilhar um caminho limitado, dependente e fragmentado, dificultando sua conceituação e a compreensão dos seus elementos instituidores. Panosso Netto (2005) chama atenção para esta forma fragmentada de se analisar o turismo, afirmando que o fenômeno é o mesmo e, portanto, não pode ser analisado de forma cartesiana, devendo ser visto em sua totalidade como um todo conexo.

Diante deste ambiente instável e em construção, cita-se o conceito que foi formulado pela Organização Mundial de Turismo (OMT), órgão intergovernamental mais expressivo que trata do turismo, que buscou gerar uma definição padrão e universal para o turismo no ano de 1991, em meio à organização da *International Conference of Travel and Tourism Statistics* (em tradução livre: Conferência Internacional de Viagens e Estatísticas de Turismo), evento realizado com apoio expressivo do governo do Canadá. A partir deste episódio, o turismo passou a ser definido mundialmente como: “uma atividade de pessoas que viajam e permanecem em lugares fora de seu ambiente habitual por menos de um ano ou até um ano consecutivo, objetivando lazer, negócios e outras motivações.” (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO, 2003, p. 18).

Em meio a esta definição, percebe-se a ótica comercial e mercadológica, justificada pelo destaque que o turismo estava alcançando e que ainda alcança no setor econômico. No entanto, mesmo com todo o avanço econômico, o qual é nutrido pela globalização e pelo capitalismo contemporâneo, é um equívoco limitá-lo às características de mercado (produção, distribuição e consumo). No entanto foi a partir desta conjuntura que se justificaram as primeiras pesquisas e estudos do turismo como área do conhecimento, pela busca de uma base sólida, embasada por um paradigma que não o reduza na sua instabilidade peculiar.

Por conta disso, alguns autores contemporâneos buscaram adotar novas abordagens de análise para o turismo, mesmo diante do embate com a grande maioria dos pesquisadores que ainda buscam firmar suas ideias nos fundamentos da teoria sistêmica, a qual surgiu posteriormente à análise econômica e reducionista do turismo. No entanto tal análise continua mantendo-se afastada de princípios mais abrangentes do fenômeno turístico em decorrência da ênfase na lógica econômica. Assim, tais paradigmas começam a apresentar anomalias, que são os pré-requisitos para o surgimento de crise e de substituição do paradigma sistêmico vigente (KUHN, 2000).

Sabe-se que uma das formas anômalas percebidas no sistemismo é o surgimento de uma arena de disputas pela supremacia entre os agentes (turismólogos, técnicos em turismo, instituições e governos), na procura da cientificidade e do prestígio acadêmico, que nem sempre andam juntos com o reconhecimento mercadológico (SILVEIRA, 2007).

Portanto, na busca por identificar uma forma estruturada de pensamento entre os autores mais expressivos do Brasil no estudo do turismo, este artigo apresenta os pilares fundamentais que formam a construção do pensamento científico em turismo para a Dra. Margarita Barretto, autora de cerca de 20 livros na área de turismo e artigos indexados, segundo o seu Currículo Lattes (2010), os quais se caracterizam como as principais fontes pesquisadas na proposta desta averiguação.

Conforme os autores que discutem os processos metodológicos, a saber: Dencker (1998), Noronha e Ferreira (2000), Gil (2007), Richardson (2008) e Veal (2011), este artigo se caracteriza como descritivo-exploratório. Assinala-se com descritivo, por entender que a natureza mutante do fenômeno turístico justifica o uso das descrições, a fim de monitorar padrões e com isso, gerar possíveis explicações (VEAL, 2011).

Já no que concerne seu caráter exploratório, o artigo utiliza-se de artifícios técnicos, como a pesquisa bibliográfica e a entrevista aprofundada (DENCKER, 1998), realizada com a autora estudada, pelos pesquisadores deste artigo no mês de abril de 2010, a qual se configura como principal fonte primária da pesquisa. Como fontes secundárias, identificam-se os próprios artigos publicados em revistas indexadas, de autoria da referida pesquisadora e as publicações de obras, que exploram o parecer da Professora Margarita Barretto e de outros autores, sobre a forma de analisar o turismo como área de conhecimento.

Já no que refere ao objeto de estudo, este artigo caracteriza-se como qualitativo, por observar o homem e seus interesses como elemento direcionador para a aplicabilidade da análise (RICHARDSON, 2008). Cabe informar que é possível na pesquisa qualitativa, o uso da análise de documentos (DENCKER, 1998; VEAL, 2011).

O artigo, por se caracterizar qualitativamente, revela um processo interativo de coleta e explicação de dados. Portanto, de posse desses dados, os mesmos foram ordenados e transcritos de forma a possibilitar cruzamentos de informações, promovendo com isso a interpretação dos subsídios coletados. Feito isso, foi aplicada a análise de conteúdo (BARDIN, 2004), devido à sua forte ligação com pesquisas qualitativas, segundo Richardson (2008). Em se tratando ainda da análise do conteúdo, escolheu-se aplicar nesta fase a análise temática, que "consiste em isolar temas de um texto e extrair as partes úteis, de acordo com o problema investigado, permitindo sua comparação com os outros textos escolhidos similarmente". (RICHARDSON, 2008, p. 197). A partir disso, os temas foram isolados e comparados com a temática abordada pelo artigo.

Nos tópicos que seguem, encontram-se os relatos sobre a formação acadêmica da Dra. Margarita Barretto, seguidos de suas linhas de pensamento no decorrer do tempo sobre os estudos em turismo. Posteriormente, expõe-se o debate sobre o distanciamento entre o lado prático e o lado teórico do turismo, chamado pela autora de "divórcio"; acompanhado de uma discussão sobre a escola de pensamento (neste momento, já identificada) da Professora Margarita Barretto, finalizando com as considerações finais. Este artigo não visa ao esgotamento da discussão sobre a cientificidade do turismo, mas busca suscitar debates entre os estudiosos sobre a necessidade de avançar nesses quesitos científicos.

FORMAÇÃO ACADÊMICA E TITULAÇÃO DA Dra. MARGARITA BARRETTO

A Dra. Margarita Nilda Barretto Angeli (mais comumente conhecida como Margarita Barretto) dedica-se e utiliza a área das ciências humanas como principal fonte de saber e embasamento

de suas pesquisas, nas quais se observam os aspectos do homem como indivíduo e nas relações sociais, o que justifica as temáticas desenvolvidas pela professora, em que áreas como Sociologia e Antropologia se fazem presentes em suas produções, levando o valor prioritário do homem para o centro de suas análises.

Na gênese de sua formação acadêmica, a Professora Margarita Barretto dedica-se ao Curso de Graduação em Turismo em “terras tupiniquins”, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas) entre os anos de 1981/1984, após sua migração do Uruguai, devido à forte pressão ditatorial vivenciada naquele país.

No início da vida acadêmica, a produção científica da Professora Margarita Barretto era bastante tímida, devido à mesma ainda está firmando os seus elementos basilares de pesquisa e também por entender que essa incipiente produtividade se assinala como característica peculiar aos estudantes iniciantes de graduações em turismo no Brasil de forma geral.

Segundo o currículo exposto na Plataforma Lattes e publicado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – 2010, a primeira produção científica de Margarita Barretto data do ano de 1982, e o título era: *Turismo: Intercâmbio cultural ou imposição de modelo?*

Sete anos após tornar-se Turismóloga, a autora inicia o Mestrado em Educação, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) no ano de 1993, onde defende sua dissertação intitulada de: *Análise da utilidade social dos museus de Campinas*. Neste momento, percebe-se a forte interdisciplinaridade do turismo com as outras áreas do conhecimento se firmando nas escolhas da autora. No entanto o foco central de sua análise continua sendo “o homem” como sujeito que interage com o meio.

Neste período, a Professora Margarita Barretto publica um artigo na revista argentina *Estudios y Perspectivas en Turismo (Buenos Aires)*, chamado de: *El aura de los objetos reales, el tiempo y el futuro del turismo*(1993) e outro artigo unindo a temática dos Museus e a Educação, este intitulando-se de: *O museu como agente de educação popular* (CAMPINAS,1993).

Nota-se um período de transição e de espera menor, quando comparado ao de sua conclusão e transição da Graduação para o Mestrado. Agora ininterruptamente após a conclusão no Mestrado (1993), Margarita Barretto se submete ao Doutorado em Educação na mesma Universidade, o qual perdurou entre 1994 e 1998. Sua tese foi batizada de: *A emigração como resultado de um processo socialmente aprendido: Um estudo de caso com uruguaios residentes em Campinas*.

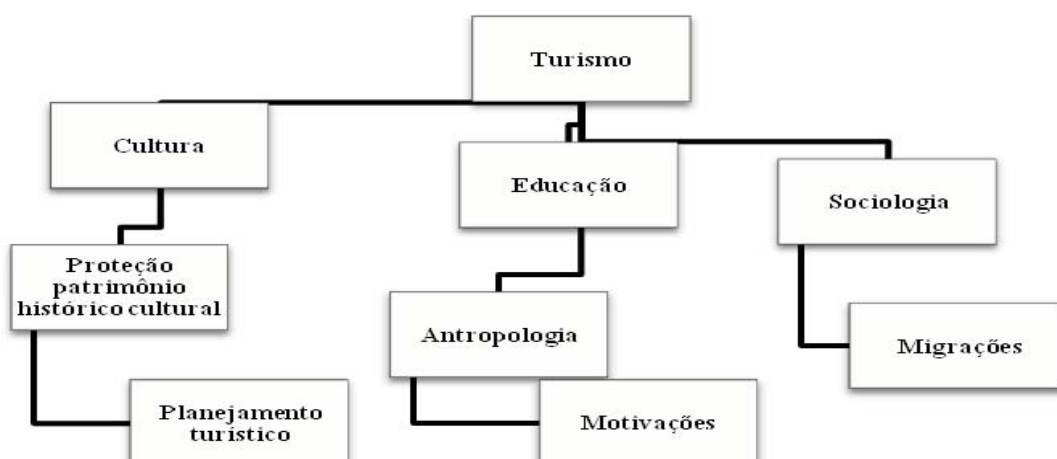
Neste momento a autora dedica-se aos estudos dos imigrantes, por razões pessoais e por achar um campo ainda pouco explorado. Do período de doutoramento em diante é quando se localiza com maior facilidade a maioria de sua produção científica em turismo e áreas afins, retratando parte de sua experiência vivida e esboços realizados ao longo dos anos de dedicação aos estudos e por que não dizer ao turismo.

Totalizam-se, segundo o Currículo Lattes (2010), onze artigos publicados neste curto espaço de tempo. Por fim, em 2001, a autora adentra-se no pós-doutoramento na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na qual passa a fazer parte do corpo docente da mesma instituição.

O pós-doutorado na área da antropologia vem ratificar que, mesmo com o passar dos anos, a Professora Margarita Barretto ainda ressalta o homem como o principal elemento de interpretação do conhecimento em turismo. O que se observa, no percurso acadêmico e de formação da autora, é uma forte ligação do turismo com outras áreas de conhecimento humano, já refletindo também neste momento o elemento da interdisciplinaridade, o qual mais tarde receberá maior ênfase por suas definições.

Na Figura 01, procura-se ordenar de forma lógica tais áreas utilizadas pela Dra. Margarita Barretto e seus desdobramentos, por meio de estudos e pesquisas temáticas ao longo do tempo.

Figura 01: Principais áreas de pesquisa da autora Dra. Margarita Barretto



Fonte: Elaboração própria, 2010.

Barretto (2005) revela ter percebido que todas as pesquisas que já tinha realizado até o presente momento tinham sido interdisciplinares e isto não aconteceu de forma proposital ou racional, mas foi um resultado de uma dificuldade de apreensão do objeto de pesquisa “turismo” a partir de um enfoque disciplinar. De acordo com Panosso Neto (2010), foram os suíços Walter Hunziker e Kurt Krapft que apresentaram a possibilidade de o turismo ser estudado pelas diversas disciplinas científicas, essa é uma referência a interdisciplinaridade dos estudos na área, antes mesmo desse termo “interdisciplinar” ser criado.

3 PRINCIPAIS LINHAS DE PENSAMENTO DA Dra. MARGARITA BARRETTO PARA A CONCEITUAÇÃO DO TURISMO

Toda a conjuntura interdisciplinar citada leva a conceituação do turismo por parte da autora a sofrer modificações conforme o período de seus estudos. Neste momento, percebe-se a temporalidade interferindo na forma como a autora Margarita Barretto observa, medita e experiencia o turismo como conceito. Kuhn (2000) já legitima o fato, dizendo que: “O que o homem vê, depende tanto daquilo como ele olha, como daquilo que sua experiência visual-conceitual prévia ensinou a ver” (KUHN, 2000, p. 150).

Assim sendo, tomando como base a explicação de Kuhn em sua obra: *A estrutura das revoluções científicas* (2000), é possível identificar três principais linhas ou focos de pensamento da Dra. Margarita Barretto, conforme a sua experiência visual-conceitual em turismo. Destarte, inicia-se com a linha de pesquisa que focaliza nos elementos como: lazer, motivação e cultura. Encontra-se com certa frequência palavras como: lazer, cultura, prazer, motivações, livre escolha e cotidiano. Seguem no Quadro 01 alguns conceitos da Dra. Margarita Barretto nesta perspectiva, apresentando as palavras temáticas em destaque.

Quadro 01: Linha de pesquisa (Lazer, Motivação e Cultura)

CONCEITUAÇÃO COM FOCO EM LAZER, MOTIVAÇÃO E CULTURA
“O turismo como opção de lazer estaria dentro da cultura , portanto cultura - lazer - turismo . Nessa relação hierárquica falar em turismo cultural parece uma tautologia” (BARRETTO, 1991).
“O turismo é uma atividade em que a pessoa procura prazer por livre e espontânea vontade . Portanto a categoria de livre escolha dever ser incluída como fundamental no estudo do turismo” (BARRETTO, 1995).
“Turismo é um ato praticado pelos turistas, o qual obedece a motivações diversas , que variam em função da personalidade destes, do seu cotidiano , do seu tipo de trabalho , do seu nível de escolaridade, da sua posição na sociedade, da sua visão do mundo e da sua cultura ” (BARRETTO, 2003).

Fonte: Elaboração própria, 2010.

As palavras destacadas remetem a uma conceituação do turismo ligada aos elementos fundadores e aos parâmetros da área do lazer. Quando se menciona a motivação como principal elemento, seguido da livre escolha e do caráter não lucrativo, associa-se diretamente com as condições necessárias para que ocorra a prática da recreação e do entretenimento.

Marcelino (1995) já chamava atenção para a concepção do lazer como uma prática social, historicamente gerada e que pode, na sua vivência, questionar os valores dominantes do modelo de sociedade global e capitalista e Barretto (2010) afirma que o turismo segue a lógica sequencial: cultura → lazer → turismo. Portanto o turismo é uma consequência motivacional, incentivada culturalmente, como uma forma de lazer.

Como segunda linha de análise do turismo, observa-se a ótica da pesquisadora voltar-se para a sociedade do consumo. O turismo passa a ser definido com base em critérios puramente lucrativos, econômicos e pela lógica industrial (produção, distribuição e consumo), dessa forma os conceitos coletados são demonstrados no Quadro 02.

Quadro 02- Linha de pesquisa (Produção, Circulação e Consumo)

CONCEITUAÇÃO COM FOCO NA PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO, CONSUMO
“O turismo é contextualizado dentro do conceito de lazer e este, dentro da sociedade industrial , chamando a atenção para aspectos que os estudos do tempo livre usualmente não abordam” (BARRETTO, 1995).
“O turismo é a atividade resultante da interação dos turistas com uma série e prestadores de serviços diretos e indiretos , os quais possibilitam ao turismo cumprir seus objetivos, dentro e fora dos equipamentos destinados” (BARRETTO, 2003).
“O grande paradoxo do turismo é que esta atividade coloca em contato pessoas que não enxergam a si mesmas como pessoas, mas como portadores de uma função precisa e determinada: uns trazem dinheiro com o qual compram os serviços do outro . O primeiro é consumidor , o outro, parte da mercadoria e é essa a relação que prevalece.” (BARRETTO, 2004).
“O turismo em sentido amplo é um fenômeno social, mas em sentido restrito, na perspectiva de núcleos receptores é um negócio [...] vende-se prazer e lazer conduzidos pela lógica da sociedade capitalista, a produtividade e lucratividade ” (BARRETTO, 2004).

Fonte: Elaboração própria, 2010.

Constata-se nesta fase a visão do turismo com foco na indústria, fruto de uma sociedade global e capitalista. As palavras em destaque inserem tais conceitos dentro de uma lógica que, ainda hoje, norteia a grande maioria dos estudos de fomento do turismo, a saber: crescimento econômico. Esta forma comercial de interpretar o turismo, além de fragmentar o conhecimento da área, acaba por promover um verdadeiro embate entre os fomentadores do ambiente turístico.

Se por um lado encontra-se um turismo técnico, exigindo treinamento e capacitação para seus operadores, para com isso, se conseguir “vender mais destinos” a um número cada vez maior de clientes, tomando como base a lógica capitalista, e absorvendo os técnicos em turismo e tecnólogos; do outro lado encontra-se um fomento do turismo que visa ao seu pleno desenvolvimento como “fenômeno social total” (BARRETTO, 2010), buscando um turismo no âmbito da formação integral, priorizando o ensino, a pesquisa e a extensão, com vista a um processo educacional e científico contínuo.

Por saber que a cientificidade e o prestígio acadêmico nem sempre andam juntos com o reconhecimento mercadológico (SILVEIRA, 2007), encontra-se neste embate uma anomalia do turismo que o coloca no estado de iniciação de crises e revalidação de paradigma (KUHN, 2000).

A terceira linha de pensamento da Professora Margarita Barretto ganha maior peso na contemporaneidade, devido ao uso do enfoque antropocêntrico, isto é, tem o homem como referencial único. Volta-se ao homem como elemento capaz de fomentar qualquer ação e reação no turismo. Esta fase também qualifica a escola de pensamento da Dra. Margarita Barretto no turismo. No Quadro 03, é possível visualizar o panorama citado.

Quadro 03 - Linha de pesquisa (Fenômeno, Homem e Sociedade)

CONCEITUAÇÃO COM FOCO NO FENÔMENO, HOMEM E SOCIEDADE
"Turismo é o movimento de pessoas , um fenômeno que envolve gente, antes de tudo [...]. Vem se tornando cada vez mais uma necessidade para o bem-estar do homem " (BARRETTO, 2000).
"O Turismo é um fenômeno que abrange o mundo inteiro, pois a partir do processo de globalização das economias e cultura [...] abrange todas as camadas e grupos sociais [...] Consiste na dispersão das consequências socioeconômicas, culturais e ambientais em diferentes níveis, por estas características, entendo que o turismo é um fenômeno social total " (BARRETTO, 2000).
"O Turismo é um fenômeno social complexo e diversificado " (BARRETTO, 2001).
"O turismo trata-se de algo mais complexo do que um simples negócio e comércio " (BARRETTO, 2003).

Fonte: Elaboração própria, 2010.

É nesta forma de refletir sobre a área que a autora deixa clara a sua forma de ver e estudar o turismo na contemporaneidade. O turismo passa a ser interpretado como um fenômeno humano. Conforme Panosso Netto (2005), passa-se a compreender o homem, em sua totalidade de ser humano, como o determinante do turismo, em uma complexa teia de relações, desejos e anseios subjetivos.

TURISMO: PRÁTICA VERSUS TEORIA

Um debate que cresce na atualidade no campo do turismo é sobre o binômio: técnica *versus* teoria. Observa-se um descompasso, que para Barretto (2010) é denominado de "divórcio" dessas perspectivas entre si e na sua relação com o turismo.

Resumidamente, a diferença entre ciência e técnica reside no fato de que a primeira privilegia o "fazer o saber" e a segunda, "o saber fazer". "[...] de uma maneira geral, pode-se dizer que a ciência do turismo está ligada aos estudos que dizem respeito à sociedade, enquanto as técnicas referem-se à administração das empresas e otimização dos negócios" (BARRETTO, 2001, p. 129-130).

A autora ressalta sua opinião, por meio da entrevista *on-line* disponibilizada aos pesquisadores deste artigo, quando perguntada sobre uma possível identificação de anomalias entre a visão prática do turismo e sua visão teórica, afirmando que:

O que eu identifico é um divórcio entre as práticas do chamado trade turístico, os órgãos governamentais de planejamento turístico e a academia. Não se trata sequer de uma "visão". Trata-se de práticas dissociadas, diferentes, [...] Nem os órgãos do governo nem os empresários dos negócios turísticos estão preocupados com conceitos ou com saberes gerados na academia. (Dados da Pesquisa, 2010).

É de se esperar uma afinidade viciosa entre os técnicos em turismo e os turismólogos, mesmo sabendo que a formação de ambos é distinta e com perspectivas diferentes. Tal situação pode gerar conflitos no que diz respeito ao posicionamento errôneo e à distribuição equivocada de funções. Conforme Kuhn (2000, p. 126), "tanto no desenvolvimento político como no científico, o sentimento de funcionamento defeituoso, que pode levar a crise, é um pré-requisito para a revolução."

Este embate profissional é promovido por um mercado exigente e competitivo, que utiliza o parâmetro do turismo como uma indústria capitalista global. Nesta conjuntura, a técnica se faz imperativa, e o mercado acaba por aproximar o crescimento da atividade com o papel dos técnicos em turismo ou tecnólogos, por meio do incentivo de treinamentos e capacitações. Justifica-se até certo ponto a análise do turismo com o foco econômico, devido na gênese do fenômeno o mesmo ter sido desenvolvido por economistas, os quais nortearam os pilares do turismo para as normas do mercado. No entanto reduzir o turismo a esses circuitos econômico-financeiros o mutila em sua essência interdisciplinar, defendida pela autora, foco desta pesquisa.

Paralelo a esta realidade, existe também a demanda pela análise e pela pesquisa científica com foco no fenômeno turístico, a qual se associa diretamente com os turismólogos (bacharéis

em turismo). Cabe aqui apontar que a pesquisa científica, na estrutura da educação superior brasileira, é de obrigatoriedade das instituições credenciadas como “universidades”, ficando as demais desobrigadas à produção do conhecimento; ou seja, as instituições classificadas como: escolas superiores, institutos de educação, faculdades isoladas, faculdades integradas, centros de educação tecnológica e centros universitários devem se ater apenas à produção e à transmissão do conhecimento.

Barretto (2002) expõe uma síntese da diferença entre a *práxis* e a teoria do turismo, com base nos profissionais que estão inseridos em suas lógicas respectivas. Dessa forma, se pode observar como esse distanciamento impede grandes progressos rumo ao conhecimento científico no turismo, segundo alguns pesquisadores.

A autora diz que: trabalhar ou ser profissional de turismo é desempenhar alguma função dentro dos vários componentes da oferta turística, prestando serviços para equipamentos turísticos, ou fazendo parte da superestrutura jurídica administrativa responsável pelo planejamento, execução e controle da dita oferta, pela criação de atrativos ou pela utilização dos existentes, sejam eles naturais ou culturais (BARRETTO, 2010).

Já estudar turismo é lançar um olhar, a partir de alguma disciplina específica, sobre o fenômeno turístico e suas implicações, as relações entre o turista e a população visitada, os impactos da chegada de contingentes de não residentes no meio ambiente no seu sentido amplo, que abrange natureza e cultura (BARRETTO & TOMIO & SGROTT & PIMENTA, 2002), pensando que cabem aos turismólogos as análises embasadas nas teorias e os questionamentos mais sólidos, com objetivos de não se estar reproduzindo processos, mas pensando-os.

Os autores desse artigo elaboraram o Organograma 01, associando as interfaces percebidas nos livros de Dra. Margarita Barretto, durante seu percurso investigativo do turismo. Encontrou-se uma mescla de ambientes, dentre eles: o industrial, o fenômeno e o humano e o das motivações e valores subjetivos.

Organograma 01: Turismo: teoria e técnica



Fonte: Elaboração própria, 2010.

O organograma citado é uma representação livre, baseado na área do turismo, nas suas diversas interfaces e na forma de análise da Dra. Margarita Barretto no decorrer de suas pesquisas desde 1981 até a atualidade, em que pelas quais se encontra o turismo visto como uma indústria em um dado momento de seu desenvolvimento, depois se percebe a relação interdisciplinar inerente ao

turismo e, por fim, seus aspectos não mensuráveis, em que a motivação, o caráter não lucrativo e a livre vontade caracterizam o turismo como fenômeno social total, segundo Barretto (2001).

5 A RELAÇÃO ENTRE EPISTEMOLOGIA, PARADIGMAS, TURISMO, FENOMENOLOGIA E TEORIA DO RIZOMA

5.1 Epistemologia e Paradigmas do Turismo

O turismo tem sido objeto de estudo nos mais variados campos de pesquisa, tais como: economia, geografia, sociologia, antropologia, entre outros. No entanto alguns deles reduzem essa área multidisciplinar ao avaliá-la apenas na perspectiva dos impactos sociais ou dos ambientais negativos. Já outros analisam apenas o crescimento e o movimento de capital a partir dos gastos gerados pelos turistas, revelando com isso lacunas para o desenvolvimento e avanço de novas pesquisas.

Essa posição de avaliar o turismo apenas por uma ótica significa um reducionismo em seu tratamento epistemológico. Panosso Netto (2005, p. 45) corrobora afirmando que “o campo dos estudos em turismo é extremamente abrangente e carece de pesquisas que analisem o turismo não apenas como um *fato* gerador de renda, mas também como um *fenômeno* que envolve inúmeras facetas do existir humano.”

Para Tribe (2008), o fenômeno turístico pode ser dividido entre os aspectos empresariais e os aspectos não empresariais. Estando de um lado a visão do turismo como aspecto empresarial a ser pesquisado por meio de estudos empresariais e, do outro, a visão do turismo como aspectos não empresariais a ser investigado por diversas abordagens de conhecimento em turismo. O reducionismo pode influenciar no direcionamento e no resultado das pesquisas posto que:

Inexiste clareza epistemológica para a construção de teorias turísticas dentro da academia. A tradição cartesiana, predominante no saber científico, fundamenta a análise na separação do todo em categorias, pressupondo que um campo de saber é suficiente para analisar e organizar as partes constituintes desse todo. [...] A negligência por parte dos teóricos da vertente crítica, sobre a investigação teórica reflete-se na questão epistemológica. (MOESCH, 2002, NÃO PAGINADO).

De toda forma, alguns paradigmas têm sido adotados para investigar o turismo. Exemplifica-se a informação, apresentando um sucinto resumo dos principais paradigmas, por onde se busca firmar explicações turísticas, no Quadro 04, elaborado a partir das considerações pronunciadas por Panosso Netto (2010) durante a aula magna do Programa de Pós-Graduação em Turismo (Mestrado) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, embora esses paradigmas possam sofrer algumas críticas.

Conforme Barretto (2005, p. 5), “uma ciência pressupõe a existência de paradigmas, isto é, princípios éticos que orientarão seus pressupostos e pesquisas”. Destaca-se que o turismo não é considerado uma ciência, todavia pesquisadores utilizam alguns paradigmas para desenvolver pesquisas sobre o assunto.

Quadro 04 - Paradigmas para investigação no Turismo

MARXISMO
A crítica do marxismo baseia-se na perspectiva de que o turismo é movimentado apenas por fatores econômicos. O homem é explorado pelo homem e o turismo é um bem ou um serviço de consumo disponível a todos, mas possível de ser consumido por poucos, pois quem não tem condições financeiras não pode desfrutar de suas benesses. A corrente marxista prega que o turismo também é uma forma de imperialismo e colonialismo, pois os países mais ricos são os que têm o maior número de pessoas que podem viajar para o exterior e nessa viagem pode ocorrer uma situação de opressão.

POSITIVISMO
Augusto Comte (1798/1857), originalmente, propôs uma separação daquilo que é humano, do que é teológico ou metafísico. Dessa forma, o conhecimento humano passou a ser o centro da reflexão e a ciência passou a ser vista como avanços científicos valorizados como fruto desse desenvolvimento. Algumas características positivistas presentes nos estudos turísticos são: os avanços tecnológicos foram os grandes propiciadores do nascimento do turismo contemporâneo; o estudo do turismo deve ser levado à categoria de ciência ou disciplina científica; estudos estatísticos, que apresentam cifras dos deslocamentos de pessoas pelo mundo, são provas de que o fenômeno turístico está crescendo; e a grande quantia de dinheiro gerada pelo turismo confirma o sucesso da atividade.
SISTEMISMO
Tem como um de seus principais teóricos Ludwing Von Bertalanffy (1901/1972). A partir de suas ideias básicas, que se baseiam em exemplos de sistemas o corpo humano, faz-se analogia à economia de um país e ao turismo de uma região qualquer. A teoria geral de sistemas permite analisar cada um desses sistemas de forma total - o sistema unido - ou dividir o sistema em partes para facilitar sua compreensão e seu estudo. No Brasil, o sistema turístico mais conhecido é o de Beni (2001). A teoria geral de sistemas é a teoria mais utilizada nos estudos turísticos mundiais. Grande parte dos autores internacionais baseia-se nela para empreender seus estudos do turismo. O sistema também sofre críticas, sendo mais comum o fato de que os modelos sistêmicos oferecem algumas explicações de como funciona o turismo, mas não conseguem aprofundar fatos importantes para a compreensão total.

Fonte: Panosso Netto, 2010. p. 5 - 8.

Os paradigmas citados demonstram as várias formas de investigar o turismo, bem como a necessidade de propor análises inovadoras, pois como pode ser observado, cada paradigma citado é passível de críticas. Cabe ainda a academia propor novas abordagens para analisar o turismo. Entre outras formas e teorias para aprofundar os estudos do turismo está a fenomenologia e a teoria do rizoma. Destaca-se que, para Barretto (2010), a teoria do rizoma não é uma escola. É uma proposta de análise da sociedade que está dentro da teoria fenomenológica.

5.1.2 Fenomenologia

Ao analisar os estudos sobre o turismo de Margarita Barretto, considerou-se necessário identificar as raízes filosóficas presente em suas pesquisas. A produção acadêmica em turismo deveria fomentar uma teoria do turismo, mas os subsídios ainda encontram-se desconectados, incapacitando o avanço nos debates (PANOSSO NETTO, 2005). Segundo Margarita Barretto (2004), não é possível identificar escolas de pensamentos no turismo, embora existam representantes de algumas correntes: há os que defendem que existe o turismo de negócios e os que afirmam que só pode haver turismo em situações de lazer; há os que têm uma visão sistêmica da sociedade e do fenômeno turístico e os que têm uma visão rizomática; os que veem o turismo centrado nos negócios turísticos e os que o veem centrado no turista, nas suas necessidades e nos seus desejos; os que veem o turismo como destruidor da cultura ou da natureza e os que o veem como fator de preservação das mesmas (BARRETTO, 2004, p. 87).

Na intenção de descobrir as escolas de pensamento dentro da obra da pesquisadora aqui estudada, foram identificadas, a priori, duas tendências: o estruturalismo e o materialismo dialético.

O enfoque estrutural funcionalista do turismo privilegia a estrutura do fenômeno e a relação entre os elementos. Este método estaria representado pelos pesquisadores que entendem que todo deslocamento temporário é turismo, independentemente da duração ou da motivação das pessoas (são os que admitem as classificações de turismo de negócios, turismo de saúde e outras viagens obrigatórias como turismo.). O enfoque dialético procura compreender a essência do fenômeno turístico e enfatiza o peso da motivação e do desejo do ser humano histórico e social denominado turista para classificar uma viagem como turística. Os pesquisadores representantes desta tendência aceitam o termo turismo somente quando ligado ao prazer e ao lazer. (BARRETTO, 2005, p. 9).

Devido a Margarita Barretto não considerar o turismo de negócios como um segmento, logo se presume que a mesma não pode ser considerada estruturalista. No entanto se pode aferir que,

ao longo dos seus trabalhos, encontram-se características do materialismo dialético, já que a pesquisadora enfatiza algumas vezes o peso da “motivação” para definir uma viagem como turística. Para a Professora Margarita Barretto, o turismo é um ato praticado pelos turistas, que obedece a motivações diversas, as quais variam em função da personalidade destes: do seu cotidiano, do seu tipo de trabalho, do seu nível de escolaridade, da sua posição na sociedade, da sua visão do mundo e da sua cultura (BARRETTO, 2003). Dessa forma, fica subentendido que, ao analisar a motivação que leva as pessoas a viajarem, pode-se fazer uma maior contribuição aos estudos turísticos. Castriogiovanni (2004 *apud* PANOSSO NETTO, 2005, p. 29) “destaca a necessidade de uma leitura mais profunda dos fatores que motivam o ser humano a viajar e concorda que existe, por vezes, uma visão reducionista sobre o turismo por parte dos estudiosos do fenômeno”.

As teorias existentes não refletem a totalidade sobre o que é o fenômeno turístico em essência. Na realidade, elas estão mais preocupadas com as relações de consumo impostas pelo capitalismo. “[...] O turismo envolve muito mais do que isso. Nele, estão também as necessidades, anseios e desejos humanos, bem como motivações psicológicas que são fundamentais na definição do que é turismo.” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 96).

Corroborando com a ideia, o livro “Manual de iniciação ao estudo do turismo”, uma das principais obras da pesquisadora Margarita Barretto, afirma que “o turismo só será levado a sério dentro da academia [...] quando deixar de ser feita sua apologia como gerador de lucros [...], retomando-se sua dimensão humanística [...] em outras palavras quando o Modelo Fenomenológico proposto por Molina for adotado”. (BARRETTO, 2001).

Desse modo, nota-se que a autora reconhece o valor da Fenomenologia dentro dos estudos do turismo, a qual apresenta suas raízes no modelo proposto por Sérgio Molina, que sugere “um estudo das razões essenciais e do significado transcendente do turismo para os seres humanos em função do próprio mundo interior e não apenas da perspectiva da sociedade de consumo.” (BARRETTO, 2001, p. 137).

Assim este modelo objetiva que o turismo passe a ser não apenas um produto do consumo, mas a vivência para a autorrealização. O mesmo é indicado como forma de substituir o modelo econômico. Porém, segundo Barretto (2001), Molina (1991) já o considera insuficiente para explicar o turismo.

Quando Molina sugere a fenomenologia como paradigma para o estudo do turismo, considera-se aqui que ele apenas justifica a aplicação dessa abordagem filosófica ao turismo, mas ele mesmo não desenvolve estudo do caso que mostre a aplicação da teoria proposta. Apesar de considerar que ele usa a fenomenologia na abordagem do turismo, Molina não completa a abordagem, por não mostrar resultados completos nem explicitar como essa abordagem é feita (PANOSSO NETTO, 2005, p. 81).

Para entender no que se baseia o modelo fenomenológico, faz-se necessário entender o que é fenomenologia. Segundo Panosso Netto (2005), a fenomenologia nasceu no século XX, como reação contra os reducionismos nas análises da sociedade. As investigações fenomenológicas são investigações universais de essência. De acordo ainda com o mesmo autor, poucos são os autores que fazem a aplicação do método fenomenológico no estudo do turismo.

A fenomenologia é válida por recolocar o ser humano, neste caso, como o sujeito do turismo - como principal elemento analisado nas ciências sociais e humanas. “A fenomenologia permite analisar os aspectos fundamentais do turismo e, ela aprofunda a questão, a interrogação e a busca de respostas claras, e não pára apenas nos aspectos superficiais e imediatamente demonstrados pela realidade visível em primeira mão” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 138). Sua aplicação, segundo os autores do turismo que adotam a fenomenologia, representaria uma busca da essência primeira do turismo e de seu verdadeiro significado para o ser humano (PANOSSO NETTO, 2005).

5.1.3 Teoria de Rizoma

Em busca de construir uma teoria para o turismo, alguns autores passaram a investigar e a procurar outras formas e fundamentos para analisá-lo. Destarte têm surgido análises inovadoras como a aplicação da fenomenologia, citada anteriormente, e a teoria de rizoma, que será abordada neste item, é um exemplo dessa realidade.

A pesquisadora Margarita Barretto analisou o turismo com base no paradigma do rizoma de Deleuze e Guattari em uma de suas obras. Desse modo, tal teoria pode ser considerada como uma de suas contribuições aos estudos do turismo. Segundo Barretto (2010), a teoria do rizoma tem o propósito de analisar a sociedade que, de acordo com o pensamento da autora, está dentro da teoria fenomenológica.

Corrêa (2009) vem complementar o uso desse paradigma, expondo que o rizoma é caracterizado segundo seis princípios, a saber:

- 1º e 2º Princípios são os de conexão e heterogeneidade: que afirmam que qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo;

- 3º Princípio da multiplicidade: é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, as multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes;

- 4º Princípio de ruptura a-significante: contra os cortes demasiado significantes que separam as estruturas ou que a atravessam. Um rizoma pode ser rompido, quebrado em qualquer lugar, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas;

- 5º e 6º Princípio da cartografia e da decalcomania: um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda.

O rizoma, com base na explicação da Biologia, é um talo com uma constituição específica que se espalha horizontalmente por debaixo da terra de forma pouco controlável e, em qualquer parte, forma novas plantas, que se conectam aleatoriamente, podendo ser cortadas e então gerando uma nova série de rebentos ao mesmo tempo interdependentes e potencialmente independentes. Conforme Barretto (2005), Deleuze & Guattari utilizam algumas características¹ dos rizomas nas ciências humanas. Essas características e propriedades do rizoma parecem ajustar-se ao fenômeno turístico.

O turismo é uma atividade realizada pelos homens em sociedade. Não se pode pensar no conceito de turismo a partir da ideia de um homem isolado. Como atividade realizada pelos homens em sociedade, tem um importante grau de imprevisibilidade. O rizoma se adequa à análise do fenômeno turístico porque é, em primeiro lugar, imprevisível. Nunca se sabe para onde vai se expandir, nunca se sabe quando vai ressurgir; sempre que cortada uma parte, esta pode tornar a transformar-se numa nova planta independente. Assim, por mais que haja um bom planejamento de turismo, existe a possibilidade de não se prever como a sociedade vai reagir à presença dos turistas, nem como os turistas vão reagir à sociedade que os hospeda. A chamada "indústria turística", ou seja, o conjunto de equipamentos e serviços que compõem a oferta que os turistas vão consumir caracteriza-se como rizomática e também pouco previsível. Surge a cada nó do rizoma, novos negócios e novos serviços. Um exemplo muito claro pode ser dado [...] é fato conhecido que as companhias aéreas perdem a bagagem dos seus passageiros numa quantidade significativa. Este problema gera como resultado dois novos rebentos do rizoma, o balcão de reclamação de bagagem extraviada nos aeroportos e as companhias que entregam a dita bagagem quando ela é achada. Se fizer um retrospecto histórico dos equipamentos e serviços de turismo, poderá ser observado que a quantidade destes tem aumentado de forma considerável a partir do que foi avaliado, por muitos anos, o tripé do turismo (transportes, hospedagem e agenciamento), que podia ser analisado facilmente a partir da teoria dos sistemas. Cada um desses pontos do tripé pode ser visto como um nó de um rizoma que foi se estendendo ao longo dos séculos XIX e XX, de forma aleatória e irregular, em função de condicionantes externas (tecnicamente chamadas externalidades) e internas. (BARRETTO, 2003, p. 21-22).

Dada essa situação, uma das poucas formas de minimamente poder prever situações e planejar o turismo é com a ajuda das ciências sociais. A partir do conhecimento profundo da sociedade receptora e da sociedade emissora é que se podem minimizar os impactos negativos e potencializar os positivos. A partir da compreensão das pressões sociais da sociedade de origem sobre o indivíduo é que se torna possível entender um eventual comportamento deste em situações de lazer (BARRETTO, 2003, p. 23). Assim sendo, os modelos rizomáticos aplicados à sociedade por Deleuze e Guattari permitem entender o porquê do resultado do planejamento não ser, muitas vezes, o esperado.

1 Conexão, heterogeneidade, multiplicidade e ruptura não significativa.

O OLHAR DA DRA. MARGARITA BARRETTO SOBRE O TURISMO

É sabido que qualquer fenômeno, e principalmente o turístico, não pode ficar restrito ao monopólio explicativo de uma única linha epistemológica, mas sim com os cuidados necessários por parte do investigador, pode produzir estudos baseados em diferentes conceitos que aderem à explicação do objeto, sem, contudo, minar a vertente teórica escolhida em sua base originária (SANTOS FILHO, 2009).

O turismo é um fenômeno social, da mesma forma que as migrações, o desemprego, a urbanização, entre outros desdobramentos. Os fenômenos sociais precisam ser estudados por várias ciências. Entendo que reduzir os estudos de turismo a uma ciência apenas seria muito reducionista e limitante. Se existe uma “turismologia” (estudo científico do turismo), um conjunto de estudos de várias ciências sobre o turismo (BARRETTO, 2010).

Dessa forma, é válido destacar que, ao utilizar a “fenomenologia” e a “teoria do rizoma” como forma de explicar o turismo, a autora traz grande contribuição a esse campo de estudo, embora se destaca que: “a teoria do rizoma [...] caracteriza-se como uma proposta de análise da sociedade, que a meu ver está dentro da teoria fenomenológica” (BARRETTO, 2010).

No entanto se pode citar a percepção de certa fragilidade nos estudos da autora analisada, expondo a mesma restrição apresentada por Molina (1991), quando o autor propõe a fenomenologia como forma de estudar o turismo e não sugere um modo de sua aplicabilidade. Neste estudo, nota-se que Margarita Barretto apresenta a mesma lacuna, a qual pode ser comprovada em seus livros e artigos indexados, em que a pesquisadora apenas cita e apresenta o modelo fenomenológico, no entanto não oferece exemplos e não mostra como pode ser feito um estudo aplicando esses modelos no turismo.

Apesar disso, não se poder deixar de citar uma das contribuições dadas pela pesquisadora Margarita Barretto, ao considerar a necessidade da interdisciplinaridade nos estudos. O turismo articulando o mesmo objeto de estudo que é o homem com várias áreas sinergicamente ligadas. Para a autora, o atual cenário científico em turismo revela uma evolução lenta. “Creio que no Brasil se produz muito e muito bem dentro de novos paradigmas, por exemplo, utilizando os conceitos de hibridismo cultural, dialogismo e reflexividade para superar a velha teoria dos impactos. Creio que a pesquisa que se faz no Brasil está à altura da pesquisa que se faz na Europa” (BARRETTO, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recorrer às análises científicas, de diferentes epistemologias, requer do pesquisador um domínio compreensivo das mesmas, bem como conhecimento das diferenças entre elas e saber quando e onde utilizá-las, pois aí reside a capacidade criativa e investigativa da pesquisa científica.

Por essa razão, a ciência é uma arte revolucionária, com diferentes conceitos que podem ser utilizados, desde que devidamente justificados e delimitados seus alcances dentro do corpo do trabalho, para assim reconhecer a necessidade da sua transcendência.

Dessa forma, é possível, cuidadosamente, se instituir e indicar a necessidade de um estudo transdisciplinar do turismo, preeminente diante da realidade percebida na contemporaneidade.

Para debater sobre o tema “epistemologia aplicada ao turismo”, é necessário muito mais do que um conhecimento superficial sobre o assunto, pois é impreterível uma abordagem mais profunda, fundamentada na filosofia, mais especificamente na filosofia da ciência, que vá à essência da discussão e que não paire apenas sobre seus aspectos artificiais (SANTOS FILHO, 2009).

Jonh Tribe (1997 *apud* PANOSSO NETTO, 2005, p. 36) vem relatar que a epistemologia aplicada ao turismo é importante por dois motivos básicos: “primeiro ajuda na validação do conhecimento produzido nessa área; segundo, auxilia a delimitar o campo do turismo, onde ele começa e onde ele termina”.

Embora não haja consenso sobre a melhor escola do pensar científico em turismo, é de concordância geral que o turismo necessita de uma abordagem sólida, consistente e com fortes contribuições sinérgicas com outras escolas de pensamento.

Pode-se assim dizer que a ótica da autora, pesquisada por meio de suas obras, embora faça referência à abordagem “fenomenológica”, não apresenta conceitos do que é a fenomenologia e sobre a sua aplicabilidade ao turismo. O tratamento dado a esta forma de análise é pouco profundo e tem como referencial o modelo proposto por Sérgio Molina em 1991, o qual segue a mesma tendência.

No entanto, ao fazer relação com a “teoria do rizoma”, a autora relata uma aproximação da proposição citada com o turismo, aludindo como características similares: conexão; multiplicação; situações não reproduzidas; formador de novas áreas; ruptura não significativa. Em cada situação o fenômeno turístico se produz em uma série de relações que são, em algum grau, diferentes e não previsíveis, em que tais situações não se reproduzem mesmo no turismo de massa, que se caracteriza por sua fidelidade a modelos padrões de comportamento (BARRETTO, 2000).

Sabendo que a produção do conhecimento é contínua e não esgotável, tem-se a necessidade, por meio desta conjuntura, de se questionar alguns pontos que necessitam de uma averiguação mais densa, foco dos próximos trabalhos que poderão surgir.

Exemplificando as novas questões, ter-se-ia: como seria possível a aplicação do princípio de ruptura não significativa do rizoma dentro do turismo? As agências de viagens, por exemplo, o que houve com elas? Sabe-se que as mesmas já não têm as estruturas iguais as do início da história do turismo, no entanto elas passaram por uma ruptura ou por uma transformação? E se romperam, onde e como romperam?

Faz-se necessário destacar ainda a interdisciplinaridade do turismo mencionada pela pesquisadora em suas obras, o que faz suscitar mais questões para futuros trabalhos. Com, o por exemplo: A interdisciplinaridade não é uma característica do Sistemismo? Afinal, o paradigma sistêmico não é interdisciplinar? Se assim o é, como separar ou fazer junção dessa característica com a fenomenologia, já que são abordagens diferentes de se analisar o turismo?

Associado a esta informação, acrescenta-se que Molina (1991), base do modelo fenomenológico de Margarita Barretto, também é conhecido internacionalmente por ser um pesquisador sistêmico. Quiçá estes traços tenham contribuído para o emaranhado nos estudos e nas pesquisas da referida autora em relação a estas diferentes abordagens adotadas.

Mesmo diante do surgimento de novos questionamentos, resposta ao mérito e ao amadurecimento constante da ciência, não se pode deixar de dar ênfase aos estudos da Dra. Margarita Barretto em turismo no Brasil, devido a mesma procurar de forma aglutinada agregar as várias interfaces do turismo, tomando como base central uma visão antropológica, usando o homem como referencial imperativo nas suas análises.

O turismo é um fenômeno social e observável porque diz respeito ao homem em sociedade e dentro de um processo histórico. A autora propõe que “a ciência que o estuda se dê o nome de turismologia, para estabelecer diferenças inteligíveis entre o fenômeno e a pesquisa a seu respeito” (BARRETTO, 2004, p. 85).

Assim, é notório um início promissor para novas conquistas e para o surgimento de interpretações originais que podem levar ao estudo analítico do turismo, de fato, e a um amadurecimento do mesmo como ciência social humana por parte da autora. De fato, vislumbra-se um crescimento desta percepção no campo científico do turismo como um todo, e espera-se que se possa, por fim, definir um objeto de estudo com bases epistemológicas sólidas para turismo, reduzindo as pesquisas superficiais da área.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70. Lisboa, Portugal, 2004.

BARRETTO, M. & TOMIO, D. & SGROTT, S. & PIMENTA, J. A Flexibilização e Especialização dos Cursos Universitários de Turismo: prioridade educativa e social. Blumenau: **Rev. Divulgação Cultural**. n. 77, p. 8-15, maio/ago. 2002.

_____. **Dificuldades e possibilidades da pesquisa interdisciplinar no mestrado em turismo**. CONFERÊNCIA apresentada no II Encontro Internacional de Pesquisadores da Rede Latino-americana de

Cooperação Universitária "América Latina perante o desafio da integração" Universidade de Caxias do Sul-RS 08, 09 e 10 de Junho de 2005.

_____. **Questões da entrevista**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <: barretto.margarita@gmail.com > em: 13 abril 2010.

_____. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 10. ed. Campinas. São Paulo, 2004.

_____. Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos sócio antropológicos. **Turismo em Análise**, Vol. 15, n. 2, nov. 2004, p.133-149

_____. Fazer científico em turismo no Brasil e seu reflexo nas publicações. **Turismo Visão e Ação**. Vol.7-n.2. p.357-364. Maio/ago.2005.

_____. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 15-29, outubro de 2003.

_____. **Planejamento e organização em turismo**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1991. (Coleção Turismo).

_____. **Políticas públicas e relações internacionais**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

_____. Ciências Sociais aplicadas ao turismo. In: BRUHNS, Heloisa Turini, LUCHIARI, Maria Tereza D. P.; SERRANO, Célia. **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas – São Paulo: Papirus, 2003.

_____. Produção científica na área de turismo. In: MOESCH, Marutschka; GASTAL, Susana (Orgs.). **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.

BANDUCCI, Á. JR.; BARRETTO, M. (Orgs). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001. (Coleção de turismo).

CORRÊA, M. D. C. **Sobre o conceito de rizoma**. Disponível em: < <http://murilocorrea.blogspot.com/2009/11/sobre-o-conceito-de-rizoma.html>>. Acesso em: 12 maio 2010.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

SANTOS FILHO, João dos. Questões teóricas expressam riqueza e pobreza no debate epistemológico do fenômeno turístico: Uma ciência em construção. Parte I. Revista Espaço Acadêmico – nº95 – mensal – Abril de 2009. Ano VIII. Disponível em: < <http://www.espacoacademico.com.br/095/95jsf.htm>>. Acesso em: 15 maio 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

KUNH, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução: Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MARCELINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Humanização**. 2. ed. Campinas. Papirus, 1995.

MOESCH, Marutschka Martini. **A Produção do saber Turístico**. Disponível em: < <http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?IDConteudo=441>>. Acesso em: 30 abril 2012.

NORONHA, D.P.; FERREIRA, S. M. S. P. **Revisões da Literatura**. In: CAMPELO, B.S; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. Fontes de Informação para Pesquisadores e Profissionais. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.191-198, 2000.

PANOSSO NETO, Alexandre. **Sobre a construção de conhecimento em turismo**. Ensaio apresentado na aula magna do Curso de pós-graduação em Turismo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. p. 9-11. 05 abr. 2010.

_____. **Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SILVEIRA, Emerson Sena da. **Por uma sociologia do turismo**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

TRIBE, John. **The truth about tourism**. Science Direct: Annals of Tourism Research, Vol. 33, No. 2, p. 360–381, 2006.

_____. Turismo, conhecimento e currículo. In: TRIBE, John; AIREY, David (Orgs.). **Educação Internacional em Turismo**. São Paulo: SENAC, 2008. Trad. Carlos Szlak.

VEAL, Anthony. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. Tradução: Gleice Guerra; Mariana Aldrigui. São Paulo: Aleph, 2011. Série turismo.